

Conflito *versus* Cooperação²

CARLOS ALBERTO GOMES*

1. Introdução

Do ponto de vista do objecto de investigação, a análise sociológica da interacção na sala de aula inscreve-se na chamada "microsociologia", uma designação algo enganadora que esconde o facto de, na sala de aula, estarem em presença e em jogo factores, processos, dinâmicas e intencionalidades que ultrapassam claramente o nível micro da análise social e sociológica. Com efeito, nas análises da relação pedagógica e das configurações interactivas na sala de aula, produzidas por autores clássicos ou actuais, principalmente sociólogos representativos de várias correntes teórico-ideológicas (ex: funcionalismo, marxismo, neomarxismo, análises de inspiração weberiana), vemos como, a propósito daquilo que se passa no interior da sala de aula, se discutem e se analisam temas e problemas como a socialização, a educação das jovens gerações, a autoridade, a estratificação social, a meritocracia, a mobilidade social, a reprodução social e cultural, as desigualdades sociais, as mudanças culturais, a formação cívica e democrática, etc.

Isto mostra que na sala de aula está tudo, ou seja, na relação entre professor e alunos, activada em múltiplos contextos sociais e culturais, estão presentes muito mais do que desafios e questões de ordem pedagógica e didáctica, por mais importantes que estes sejam. Esta é uma razão para reconhe-

cermos, na sala de aula, um jogo muito mais complexo do que à primeira vista parece. Com efeito, como se pode concluir do relato das estratégias de dominação e de negociação descritas com base na pesquisa empírica, o que está em jogo, para além das movimentações tácticas e estratégicas dos actores em presença interactiva, é a tensão provocada por uma conjugação de factores, de diversa natureza, que condicionam, no sentido conflitual ou consensual, a relação social subjacente ao processo ensino/aprendizagem.

Na estratégia da dominação, encontra-se uma visão hierárquica e autoritária da educação e do ensino, uma visão da educação como domesticação ou adestramento, o tratamento dos alunos como inferiores hierárquicos, a imposição de valores e regras, a imposição de uma concepção autoritária de disciplina, como obediência automática e acrítica, a

¹ O conceito de configuração, proposto por Norbert Elias (1980: 142), é muito útil para a análise sociológica da interacção na sala de aula: "Por configuração entendemos o padrão mutável criado pelo conjunto dos jogadores - não só pelos seus intelectos, mas pelo que eles são no seu todo, a totalidade das suas acções nas relações que sustentam uns com os outros. Podemos ver que esta configuração forma um entrançado flexível de tensões. A interdependência dos jogadores, que é uma condição prévia para que formem uma configuração, pode ser uma interdependência de aliados ou de adversários".

² O artigo foi elaborado a partir de uma selecção de elementos retirados dos capítulos I e IV da minha tese de doutoramento, intitulada "Conflito e Cooperação na Escola Secundária Portuguesa: uma análise sociológica da interacção na sala de aula", Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia, Braga, 1998.

* Doutorado em Sociologia da Educação e professor auxiliar no Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

promoção de uma cultura de passividade nos alunos. Trata-se de uma estratégia de difícil aplicação nas modernas sociedades abertas, pluralistas e democráticas.

Na estratégia da negociação encontra-se, pelo contrário, uma visão bilateral da educação, a condução da interacção professores/alunos com base em princípios democráticos e humanistas, a recusa do autoritarismo e do tratamento burocrático e hierárquico dos alunos, a consideração dos pontos de vista e dos interesses dos alunos, a valorização da sua participação, a promoção de métodos pedagógicos activos. Trata-se de uma estratégia claramente mais consentânea com os valores e princípios éticos e morais da sociedade e do regime democrático.

Face a estas estratégias é importante ter em consideração a reacção dos alunos, ou melhor, dos vários tipos sociais e culturais de alunos com quem os professores se deparam na escola e na sala de aula. Até porque elas podem ser utilizadas, não tanto como estratégias ligadas a objectivos educacionais e formativos, mas antes como puras estratégias de controlo ou de manipulação das relações interpessoais e institucionais, numa lógica instrumental de conquista da "ordem", como pré-requisito funcional do processo ensino/aprendizagem.

Para os professores é pois muito importante ter em consideração as implicações educacionais e formativas das estratégias usadas para gerir e controlar a interacção na sala de aula.

2. Conflito e Cooperação na Sala de Aula: algumas perspectivas sociológicas

Em *L'Éducation Morale*, livro publicado em 1922, Émile Durkheim, um dos fundadores da sociologia e também da sociologia da educação, chamou a atenção para o desequilíbrio social e cultural entre os professores e os alunos, e para aquilo que considerava serem as tendências despotéticas da escola. Na escola, escreve Durkheim, os professores, representantes da geração adulta, devem transmitir às jovens gerações um deter-

minado património cultural. Esse trabalho implica, inevitavelmente, um certo nível de imposição e de coerção. Para que os alunos aceitem submeter-se voluntariamente aos esforços e sacrifícios exigidos pela escola, é necessário que reconheçam a autoridade e a legitimidade do mestre. Há, portanto, uma hierarquia, estatutos diferenciados entre o mestre e os alunos. Mas Durkheim opõe-se a uma escola baseada no autoritarismo, deixando muito claro que os mestres, embora devendo manter-se inflexíveis na exigência do respeito pelas regras, não devem cair no erro de procurarem obter a conformidade dos alunos através da violência verbal ou física. Tal procedimento, como denuncia Durkheim, nada tem a ver com a educação. A escola deve ser (só pode ser) um lugar de educação, de socialização, não de domesticação ou adestramento. O respeito pelas regras não deve resultar do medo, mas do convencimento da sua razão de ser e utilidade. Deve-se notar, contudo, que a visão durkheimiana da educação escolar, como um processo unilateral de acção das gerações adultas sobre as gerações jovens, apesar de enfatizar a necessidade de respeito pela individualidade e pela dignidade dos alunos, não prevê que estes últimos possam, de alguma maneira, influenciar a natureza, os conteúdos, os objectivos e os processos da educação de que são objecto.

A tese da existência de um inevitável conflito de interesses entre os professores e os alunos foi defendida pelo sociólogo da educação norte-americano Willard Waller. Na sua obra *The Sociology of Teaching*, publicada em 1932, Waller defende a ideia de que os professores e os alunos desenvolvem uma interacção condicionada pelo facto de uns e outros terem interesses e objectivos antagónicos. Segundo Waller, os alunos procuram realizar os seus objectivos, impondo, se para isso tiverem oportunidade, uma dinâmica interactiva que pode levar, em última análise, à completa neutralização da autoridade dos professores e, em consequência, à anulação do projecto da escola, muito particularmente no que se refere à transmissão de conhecimentos que nela deve ocorrer. Para vencer a oposição dos alunos, e

evitar, a todo o custo, ser surpreendido (e mesmo vencido) pelo seu poder, caberá ao professor apoiar-se numa liderança de tipo institucional, um tipo de liderança assente numa clara e rígida demarcação de fronteiras entre o líder e os liderados. Daí que, para Waller, as relações entre professores e alunos devam ser do tipo superior-subordinados: relações estritamente formais, ou seja, relações caracterizadas pela absoluta exclusão de qualquer tipo de influência pessoal. A relação professor-aluno será, por isso, uma relação tensa, dura, feita de hostilidade e desconfiança mútua. Waller defende, portanto, uma escola de imposição, baseada no pressuposto de que os alunos não têm qualquer interesse em se submeterem ao esforço que a escola lhes exige.

Em *Life in Classrooms*, publicado em 1968, Philip Jackson chama também a atenção para o facto de a relação pedagógica se basear numa profunda desigualdade de poder entre os professores e os alunos. Na escola, o professor deve desempenhar o papel de superior hierárquico que obriga os alunos a trabalhar, considera este autor, o que significa exigir-lhes esforço, aplicação e o sacrifício de interesses pessoais. Os alunos, cujos interesses e objectivos raramente coincidem com os do professor, só podem ser eficazmente conduzidos (isto é, comandados) se o professor assumir, sem ambiguidades, o papel de líder. O que exige a imposição de uma distância institucional e pessoal, como forma de vencer a resistência activa ou passiva dos alunos. De outro modo, o professor corre o risco da subversão da sua autoridade institucional.

Tal como a análise de Waller, também a de Jackson tem como pressuposto o desinteresse atávico dos alunos em relação ao projecto da escola.

Principalmente ao longo da década de 1980, encontramos o retomar da análise sociológica da interacção na sala de aula. Na sociologia da educação interaccionista, a sala de aula, tal como nos trabalhos de Waller e Jackson, é vista como um contexto potencialmente mais conflitual do que consensual. Parte-se do princípio de que os alunos, fazendo uso de um poder colectivo, se posicionam sistematicamente numa lógica de defesa de interesses próprios, procurando influenciar a seu favor a dinâmica interactiva na sala de aula (a orientação das aulas, as opções pedagógicas, as exigências do professor em termos de quantidade, qualidade e ritmo de trabalho, as formas e os processos de avaliação, etc.). Mais especificamente, com base na recolha de informação sobre as práticas dos alunos na sala de aula, directamente através da observação directa, e indirectamente, por exemplo através de entrevista, os sociólogos interaccionistas³ desenvolveram a ideia de que, tal como os professores, os alunos procuram defender os seus interesses através da aplicação de um diversificado conjunto de estratégias. O conceito de estratégia ajustava-se bem a um modelo de análise que via no cenário da guerra o modelo interactivo subjacente à interacção na sala de aula. No conceito interaccionista de estratégia (que foi objecto de crítica, devido à sua imprecisão)⁴ foram incluídas práticas dos alunos, tais como a recolha de informações sobre os professores, as provocações destinadas a testar a sua autoridade, o humor, o barulho como forma de perturbação intencional das actividades na sala de aula, a adaptação situacional dos alunos em relação aos diferentes professores com quem interagem.

Os alunos são, pois, considerados como um dos principais constrangimentos com que os

³ Sociólogos como Peter Woods, Andrew Pollard, Martyn Denscombe e Sara Delamont foram importantes representantes da perspectiva interaccionista.

⁴ Scarth (1987: 251) assinala a falta de precisão e de especificidade do conceito interaccionista de estratégia: "O termo estratégia é usado para referir uma grande variedade de fenómenos: técnicas formais de ensino, formas de controlo na sala de aula, padrões inovadores de comportamento em resposta a dilemas, adaptações do estilo de ensino ao longo do tempo, e o termo tem sido mesmo empregue para referir abandonos do ensino. Parece que a 'estratégia' se refere a qualquer coisa que o professor faça em qualquer altura e em qualquer contexto".

professores se vêem obrigados a lidar. As estratégias e as pedagogias de sobrevivência⁵ dos professores dirigem-se, em parte, a encontrar respostas para a pressão por eles exercida. Em consequência, na sala de aula, a acção do professor fica muito condicionada pela necessidade de evitar a tensão produzida pelas relações conflituais. Alguns sociólogos da educação, comentando estas análises, chamaram, no entanto, a atenção para o que consideraram ser uma excessiva e pouco realista utilização da noção de conflito. De acordo com esses sociólogos, existem, de facto, conflitos na escola mas também existem muitas situações de entendimento, coincidência de interesses e cooperação⁶.

Ainda nas décadas referidas, é importante assinalar outros temas nos estudos sobre as perspectivas e as práticas dos alunos. Por exemplo: a acção de bandos na escola, as perspectivas dos alunos sobre a escola e a experiência na sala de aula, as formas de intercomunicação e interacção estabelecidas entre os alunos, as lógicas e formas de adaptação à escola, as relações conflituais protagonizadas por alunos pertencentes a sectores específicos da classe operária.

3. Dinâmicas e Estratégias na Sala de Aula: pesquisa empírica em escolas portuguesas

A pesquisa empírica que permitiu identificar as dinâmicas e estratégias interactivas na sala de aula, apresentadas neste texto, teve lugar em três escolas secundárias, respectivamente localizadas num grande centro urbano, num médio centro urbano e num meio rural. De Outubro de 1991 a Setembro de 1992, foram observadas e registadas 23 aulas dadas por quatro professores num total de cinco turmas⁷. Recolheu-se e analisou-se uma significativa massa de dados – dados de observação directa na sala de aula, dados de entrevista e dados de inquérito/questionário. Inspirada nos pressupostos, procedimentos e objectivos das metodologias qualitativas, a pesquisa assumiu as seguintes características principais: contacto directo com os contextos e situações sociais – as deslocações às escolas, a observação de aulas e o contacto directo com os professores e alunos das turmas seleccionadas; recolha de dados em primeira mão, através da observação directa da interacção na sala de aula⁸; recolha dos

⁵ Sobre dinâmicas e estratégias interactivas na sala de aula, ver os meus textos: "A Interacção Selectiva na Escola de Massas", em *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 3, pp. 35-49; "As estratégias dos professores na sala de aula: acção profissional ou sobrevivência?" in Almerindo Afonso (coord.), "Dossier Sociologia da Educação em Portugal", revista *O Professor*, n.º 22, pp. 45-50; "As Estratégias na Sala de Aula: questões teóricas e metodológicas" in "Estruturas Sociais e Desenvolvimento", Actas do II Congresso Português de Sociologia, vol. II, pp. 602-615; "A Escola Segundo os Alunos" in *Educação, Sociedade & Culturas*, n.º 7, pp. 177-186 (Dossier Diálogos sobre o Vivido).

⁶ A este propósito, Blackledge e Hunt (1985: 271) chamam a atenção para o que consideram constituir um exagero na utilização da noção de conflito nas análises sociológicas da interacção na sala de aula.

⁷ Através da observação directa das actividades na sala de aula, procurei evitar que a análise sociológica das dinâmicas interactivas ficasse excessivamente dependente dos discursos produzidos pelos professores (na entrevista) e pelos alunos (no inquérito/questionário). O acesso directo à observação das práticas interactivas visava criar condições que facilitassem a adopção e operacionalização de um posicionamento de distanciação crítica em relação a discursos que, à partida, sabia terem que ser considerados como versões da realidade, construídas por referência a pontos de vista e interesses particulares. Por outro lado, a observação directa das práticas visava, igualmente, a activação de um mecanismo de controlo da factualidade das descrições produzidas pelos actores em situação.

⁸ Através da observação directa das actividades na sala de aula, procurei evitar que a análise sociológica das dinâmicas interactivas ficasse excessivamente dependente dos discursos produzidos pelos professores (na entrevista) e pelos alunos (no inquérito/questionário). O acesso directo à observação das práticas interactivas visava criar condições que facilitassem a adopção e operacionalização de um posicionamento de distanciação crítica em relação a discursos que, à partida, sabia terem que ser considerados como versões da realidade, construídas por referência a pontos de vista e interesses particulares. Por outro lado, a observação directa das práticas visava, igualmente, a activação de um mecanismo de controlo da factualidade das descrições produzidas pelos actores em situação.

